

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 28 — VOL. III.

Sabbado 16 de Julho de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

Historia da actualidade.

Finalmente concluiu-se a paz entre os dois imperadores, d'Austria e França, n'uma entrevista que tiveram em Villa Franca.

— Foram as bases, ceder a Austria á França o reino conquistado da Lombardia, e este cedeu-o Luiz Napoleão ao rei Victor Manuel. Os estados de Parma, Modena e Toscana voltam ao dominio dos seus respectivos soberanos. A Austria conserva Veneza e seu territorio. De todos os estados italianos se formará uma confederação, da qual será presidente honorario sua santidade.

— O conde Cavour, presidente do conselho da Sardenha, pediu a sua demissão, porque o desenlace da questão não foi conforme aos seus desejos.

— Nasceu um filho a sua magestade o imperador do celeste imperio.

— O general Chang-Thivoliang, grã-personagem da China, foi agraciado pelo imperador com um fato amarelo e um carrinho, em consequencia de ter morto muitos rebeldes de cabelos compridos.

— Morreu o rei de Suecia, Oscar I. Nasceu em Paris no dia 4 de Julho de 1799. Bonaparte foi o seu padrinho de baptismo. Em 1810, seu pae foi eleito herdeiro presumptivo do rei Carlos XIII. O moço Oscar foi feito duque de Sudermania, e depois chanceller da universidade de Upsal, onde concluiu seus estudos em 1818; e alguns annos depois publicou varios tratados de economia politica. Tambem se applicou muito á composição musical. Em 1824 foi nomeado vice-rei da Noruega; e no anno anterior tinha casado com Josephina Eugenia, filha do principe Eugenio de Beauharnais, duque de Leuchtenberg. Por morte de seu pae Carlos XIV, subiu ao throno em 1814, e começou seu reinado, que sempre foi pacifico. Durante o seu reinado foi posto á circulaçáo o caminho de ferro entre Christiania e Eisvold, e começaram-se outras muitas linhas. A Suecia conservou a neutralidade durante a guerra do Oriente, e n'essa occasião fez um tratado com a França, pelo qual se compromettia a não ceder á Russia porção alguma do territorio sueco. Esteve bastantes annos enfermo, e o seu estado de saude piorou consideravelmente desde o anno de 1837.

— Trata-se na Austria de mudança ministerial.

— O governo pontificio estabeleceu uma nova linha de alfandegas entre a legação Catholica e Pesaró.

— A *Correspondencia austriaca* diz no relatório completo das perdas dos austriacos em Solferino, que morreram noventa e um officiaes, e dois mil duzentos sessenta e um soldados; que ficaram feridos quatrocentos oitenta e cinco officiaes, e dez mil cento e sessenta soldados; desaparecendo cincoenta e nove officiaes, e nove mil duzentos vinte e nove soldados.

— O governo prussiano mandou sustar a marcha das tropas mobilizadas.

— As ultimas partes telegraphicas dizem que nos ducados de Parma, Modena e Toscana se nota grande agitação.

— O povo da ilha do Pico ha mezes que se alimenta de raizes de soca, e de hervas; e essas mesmas já vão faltando.

— O senhor conde da Azinhaga já tomou posse do cargo de governador civil de Braga, para que fóra ha pouco nomeado.

— Em Inglaterra principiaram as batatas a melar, o que occasiona grande calamidade para aquelle povo.

— Está-se construindo em Londres o cabo submarino que hade ligar a dita cidade com Gibraltar. A longitude da linha excede a mil duzentas milhas maritimas, e o seu custo está avaliado em trezentas mil libras esterlinas.

— O barão Santiago de Rothschild deu duzentas mil libras em favor dos feridos do exercito francez de Italia, e das familias dos militares e marinheiros ahi mortos em combate.

— No hospital de Brescia havia no dia 27 de Junho nove mil e sessenta feridos francezes, tres mil cento setenta e quatro sardos, e dois mil austriacos.

— As feridas de balas dos francezes e piemontezes são de menor diametro que as dos austriacos, o que depende do diametro do calibre das armas. A bala conica dos austriacos pesa pouco mais ou menos meia onça; as dos francezes e piemontezes pesam quasi onça e meia.

— A esquadra norte-americana que está no golpho do Mexico consta por ora de seis navios, e vae ser elevada á força de quinze vasos, com duzentos e trinta canhões.

— Em 30 de Junho incendiou-se a estação do caminho de ferro em Bordeaux, e o incendio tomou proporções gigantescas.

— A alfandega do Porto rendeu em 30 de Junho 3:192\$145 réis.

— Em Medina del Campo rebentou uma tempestade no dia 6 do corrente, e arruinou inteira-

mente a colheita, deixando os campos cobertos de pedra.

— Estes ultimos dias tem apparecido em Santurce e Bermeo (Hespanha) a sardinha em tanta quantidade, que quasi se dá de graça ao consumidor.

— Na sé cathedral do Porto, deverá cantar-se no dia 17 um solemne *Te Deum* por ter acabado a guerra da Italia.

— Proseguem os trabalhos para a continuação da via ferrea da Ponte da Asseca para a Ribeira de Santarem.

— Foi assassinada em Botão Maria Marques, por seu marido Duarte Antonio.

— Nas proximidades de Coimbra foi apprehendida uma numerosa quadrilha.

— No logar dos Carpinteiros, freguezia d'Almeaguez, concelho de Coimbra, uma mulher deu á luz, na semana passada, duas creanças ligadas pelo ventre, e com o rosto voltado uma para a outra. Ao nascer morreram. Foram conduzidas para o theatro anatomico da mesma cidade.

— Na batalha de Solferino, segundo os mais modestos calculos, devem ter-se gasto para cima de quatrocentos e oitenta contos de réis, suppondo que as quinhentas peças de artilharia, que jogaram dos dois lados, deram doze tiros por hora, durante as dezeseis que durou a batalha, e que cada um dos duzentos e quarenta e duzentos e cincoenta mil soldados que entraram no combate, só consumiu um masso de cartuxos.

— Actualmente acham-se em construcção em Inglaterra os seguintes grandes navios de guerra:

— Principe de Gales, de cento e trinta e uma peças, e força de oitocentos cavallos. Está para ser lançado á agua em Portsmouth; Victoria, de cento e vinte e uma peças, e força de mil cavallos. Construe-se tambem em Portsmouth, e deve ficar prompto por todo este mez de Julho; Real Frederico, de cento e dezeseis peças. E' tambem construido em Portsmouth; Howe, de cento e vinte e uma peças, e de força de mil cavallos. Construe-se em Pembroke; Duncan, de cem peças. Nos estaleiros de Portsmouth; Gibraltar, de cento e uma peças e oitocentos cavallos, em Devonport; Anson, de noventa peças, em Woolwick; Atlas, de noventa e uma peças e oitocentos cavallos, em Chatam; Defiance, de noventa e uma peças e oitocentos cavallos, em Pembroke; Hood, de noventa e seis peças, e seiscentos cavallos, em Chatam; e finalmente, o Irresistible, de oitenta peças, e quatrocentos cavallos.

— Em Carrizado de Montenegro appareceram

este anno uns bichos ou lagartas da mesma especie das que já no anno passado invadiram os castanheiros e outras arvores, devorando-lhes completamente as folhas. Agora reapareceram em maior escala, e depois de terem devorado as folhas e frutos das cerdeiras, macieiras, pereiras, etc mettem-se pelas casas em tal numero que é preciso varrel-as continuamente. Em algumas casas, observadas da parte de fora, mal se descobre a cal, tal é o enxame que cobre as paredes!

— O senhor conselheiro Silva Ferrão já regressou da sua visita ás cadeas do norte do reino, com missão de que foi encarregado, para se pôr em pratica o novo systema penitenciario.

— Na aldea de Barbate, provincia de Cadiz, descobriram-se á beira do mar, e perto do estreito de Gibraltar, uns cem sepulchros antigos, a maior parte forrados de pedra lavrada, e abobadados; havendo outros de tijolo, e uma infinidade de vasos de figura pyramidal, contendo cada um seu esqueleto de criança, sendo para notar que as boccas de taes vasos são muito estreitos em relação as caveiras que contem. Estes sepulchros devem datar do tempo dos phenicios. Dentro e fora d'elles encontraram-se tambem algumas moedas de Hercules, Gerion, Tubal, Romulo e Remo, Constantino, Tiberio, e mais outras de varias epochas. Acharam-se igualmente ricos marmores, jaspes, mosaicos, estatuas, idolos, punhos de adagas, restos de armaduras, e edificios sumptuosos, entrando n'este numero, a immensa profundidade, um templo edificadopor Hercules em honra de Juno.

— Ao defunto rei Oscar de Suecia, succede seu filho púgenito, o principe real Carlos Luiz Eugenio, duque de Scania, que nasceu a 3 de Maio de 1826. Era chefe da brigada da guarda, grã-mestre da artilharia, e coronel do regimento dos husardos do *principe imperial*. Casou em 19 de Junho de 1850 com a princeza Guilhermina Frederica Alexandrina Luiza, nascida princeza d'Orange a 5 de Agosto de 1828, filha de Guilherme Frederico, principe dos Paizes Baixos.

— A rica povoação de Malabon, na Manilha, que era o armazem de cereaes d'aquella provincia, foi victima de um incendio a 19 de Abril, ficando um montão de ruínas e cinzas. Calcula-se em trezentas e cincoenta a quatrocentas as casas queimadas. Principiou o fogo antes das duas horas da tarde n'um armazem em frente da igreja do convento, e propagou-se com tal rapidez que não lhe poderam valer.

— Chegou o senhor infante D. Luiz da viagem em que fôra acompanhar sua augusta irmã a senhora infanta D. Maria Anna.

— As obras da barra da Figueira devem concluir-se este anno. Findas ellas passar-se-ha á barra de Aveiro.

— Falleceu o senhor barão d'Almeirim, cidadão prestante, politico de creações, e verdadeiro homem de bem. Contava cincoenta e tres annos de idade.

— O governo francez decretou a fundação de duas novas cidades na Algeria, uma com o nome de Magenta, e a outra de Solferino.

— No mez de Junho pagaram-se em todas as obras que se andam fazendo por conta do governo no districto de Coimbra, dezeseite mil e vinte sete jornaes.

— Soçobrou a 23 de Junho o vapor Silistria, da companhia ottomana, indo para Constantinopla com trezentos e cincoenta passageiros. Morreram setenta e sete. Diz-se que o capitão e a equipagem turca assassinaram e roubaram os passageiros christãos, durante o salvamento.

— A receita da companhia de seguros *Garantia*, no anno economico de 1859-1860, é de cento e vinte sete contos quinhentos sessenta e dois mil cento e quarenta e cinco reis.

— No Algarve as ultimas chuvas causaram alguns prejuizos, principalmente nos trigos que já estavam nas eras.

— El-rei de Saxonia agraciou o senhor conselheiro José Bernardo da Silva Cabral com a commenda de primeira classe da ordem de Alberto o Valeroso.

— Os judeus residentes em Lisboa vão construir aqui uma synagoga. Está orçada a obra em vinte contos de reis.

— Sua magestade a rainha, a senhora D. Estephania, acha-se ha dias atacada de uma angina. A' hora que escrevemos o padecimento adquiriu caracter de gravidade, e esta real vida corre perigo.

A cidade do Funchal.

A ilha da Madeira, e as de Porto Santo e Desertas, estão situadas no Atlantico, distante duzentas leguas da costa d'Africa. A primeira foi descoberta em 2 de Julho de 1419 por João Gonsalves Zargo, enviado pelo illustre infante D. Henrique ao descobrimento de novas terras e novos mares. Dos bosques frondosos, que os portuguezes ali acharam, proveu o seu nome de ilha da Madeira. Tem de comprimento umas quarenta e quatro milhas, e de largura quatorze a quinze.

A cidade do Funchal e a capital da ilha da Madeira. Teve principio poucos tempos depois da descoberta, e por esforço do proprio Zargo, a quem el-rei D. João I fizera doação do districto do Funchal, um dos dois em que a mesma ilha logo foi dividida.

No anno de 1451 deu el-rei D. Affonso v formal de villa á nova povoação, que tomou o nome do sitio em que foi fundada, ao qual pelo muito funcho, que n'elle havia, denominavam o *Funchal*.

Crescendo com rapidez a povoação pelo desenvolvimento da industria agricola em terrenos de tão grande fertilidade, como são aquellos, e especialmente pela cultura da canna d'assucar e da vinha, introduzidas ali pelos patrioticos desvelos do immortal infante D. Henrique, no anno de 1508 elevou-a el-rei D. Manuel á categoria de cidade. Passados seis annos foi erigida em sede episcopal por solicitação do mesmo monarcha; e no reinado de D. João III, correndo o anno de 1537, creou-a metropolitana o papa Clemente VII, assignando-lhe por suffraganeos os bispados d'Angra, de Cabo Verde, de S. Thomé, que abrangia Angola e Congo, e o de Goa, que se estendia pela India oriental. Os arcebispos do Funchal intitulavam-se então primazes das Indias.

Não lhe durou muito, porém, tão eminente prerogativa. Em breve se engrandeceram os estados portuguezes da India. Goa foi elevada á dignidade archiepiscopal, primaz do Oriente, e o Funchal perdeu a jurisdicção metropolitana, ficando outra vez sede episcopal suffraganea do arcebispado, depois patriarchado de Lisboa.

Está edificada a cidade do Funchal na costa meridional da ilha, parte assentada em um valle delicioso, e parte subindo pelo dorso de um monte, que tem por coroa o castello do Pico.

Defendem-lhe o porto os fortes da Pontinha, de S. Lazaro, de Fontes ou S. João, de S. Lourenço, da Alfandega, de S. Filippe, de Santiago, de Loures, e o castello Ilheo, fundado sobre um grande rochedo no meio do mar, o qual serve de registro do porto. Este é formado pelos cabos Grajão e Ponta da Cruz. Os navios fundeiam ali em perfeita segurança com todos os ventos, excepto os dos quadrantes desde o sudoeste até ao sueste pelo sul.

Estende-se a cidade ao longo da bahia, e desde o mar até meia encosta do monte do castello do Pico, pelo que offerece um lindo panorama a quem a contempla de bordo de algum navio.

Divide-se a cidade em quatro parochias. A sé é um vasto templo de architectura gothica, fundado por el-rei D. Manuel. É notavel pelos excellentes marmores, que lhe vestem as paredes interiormente, pelas pinturas que o ornam, e pelos tectos das suas dez capellas fabricados de cedro com muito primor, principalmente o da capella-mór.

Tem o Funchal dois conventos de freiras, e teve tres de religiosos, um de jesuitas, outro de carmelitas cujos templos são ainda dos melhores da cidade, e o ultimo de franciscanos, notavel pela capella dos ossos, construida de caveiras e ossos.

Os principaes edificios, além dos mencionados, são: o palacio do governo, o paço episcopal, o seminario, o quartel militar de S. João, a alfandega, o hospital real, o theatro, que é excellente, e o hospicio da princeza Amelia, fundado por sua magestade imperial a duquesa de Bragança, em me-

moria de sua augusta filha, para receber doentes pobres, atacados de molestias pulmonares.

As praças ou largos são poucos e irregulares, e as ruas em geral estreitas, e mais ou menos ingremes, porém limpas. As casas são acceiadas interiormente, e sempre muito caiadas pela parte de fora. Muitas ali ha de construcção elegante.

Quasi no centro da cidade ha um passeio plantado de arvores e plantas indigenas e exoticas.

Os suburbios do Funchal são afamados pela sua muita formosura e amenidade. Os pomares, as hortas, e vinhas, que vestem as collinas; os bosques que cobrem os valles; as arvores e plantas dos tropicos, que por toda a parte crescem apar das da Europa, ostentando a mais pomposa vegetação; ribeiros de purissimas aguas despenhando-se de cima das rochas, ou correndo mansamente nas planicies; lindas casas de campo alveando por entre tantos verdes; altas serranias encaxilhando tão formosos paineis; tal é em resumido esboço o aspecto encantador dos arrabaldes do Funchal.

D'entre as muitas e apraziveis quintas, que os adornam, mencionemos como mais bellas e grandiosas a do *Palheiro do Ferreiro*, situada em uma eminencia a uma legua da cidade, e pertencente ao senhor conde de Carvalhal, e a do *Jardim da Serra*, fundada em um valle assim chamado, a duas leguas e meia para o noroeste do Funchal, e propriedade do senhor Veitch, subdito britanico.

As produções do paiz são muitas e mui variadas, pois que ali se dão perfeitamente bem as da Europa e as dos tropicos. O apreço em que são tidos os seus vinhos, fez com que durante muitos annos fosse esta a sua principal cultura, chegando no anno de 1813 a recolher-se em toda a ilha vinte e duas mil trezentas e quatorze pipas. Afectada esta produção pelo *oidium*, que a aniquilou quasi inteiramente, arrancando os proprietarios uma boa parte das vinhas, começou a introduzir-se de novo a cultura da canna de assucar.

Os outros productos agricolas são: cereaes, batata doce, e commum, inhame, fructas das nossas e do Brazil, avultando bastante a castanha. Cria algum gado, principalmente lanigero.

O clima temperadissimo que se gosa no Funchal em todas as estações do anno, faz a sua residencia muito saudavel, e proficua para molestias de peito; por cuja razão é a cidade frequentada por muitos nacionaes do continente, e por grande numero de estrangeiros, que ali vão passar o inverno, além dos muitos inglezes, que n'ella residem todo o anno.

O commercio está decadente desde que diminuiu a produção do vinho. Todavia no porto do Funchal anda entram annualmente uns trezentos navios.

No Funchal trabalha-se primorosamente em rendas, bordados, flores de pennas, e em muita variedade de artefactos delicadissimos.

A população da cidade passa de vinte mil almas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Contos populares da Irlanda.

II

AS AGUAS NEGRAS.

Conclusão.

A donzella ficou perturbada e confusa. Hanz estava louco d'alegria, e radiante de felicidade. As suas primeiras palavras foram perguntar-lhe com voz commovida se era uma fada ou uma princeza, e em que sitio habitava. A virgem, corando um pouco enleada, respondeu:

— O palacio de meu pae não fica longe d'aqui: e já que encontrei quem fosse mais veloz do que eu, não tenho duvida de levar á sua presença aquelle que assim me venceu na carreira.

Bem se pode julgar do alvoroço com que o jovem irlandez aceitaria semelhante offercimento. Eil-os pois a caminho, e em breve entrados n'um valle delicioso.

Plantas raras e mimosas, de mui variadas especies, ostentavam, para qualquer lado que se olhas-

se, as mais lindas e soberbas flôres, cujo perfume, misturando-se com o daservas odoríferas, que alcatifavam o solo, espalhava por toda a partesuavíssimos aromas. Magníficas arvores, de proporções gigantescas, estendendo os seus troncos, e entrelaçando os ramos, derramavam fresquíssimas sombras. Arroios de aguas cristalinas corriam com doce murmúrio sobre leito de alvas areias, entre duas orlas de viçosa relva. Muitas aves, de vistosa plumagem, ou se baloiçavam alegres nos troncos mais tenues, entoando harmoniosos sons, ou ligeiras rompiam os ares, chalreando em continuas voltas. Finalmente, mil borboletas multicôres, adendendo de flor em flor, ou doidejando em torno dos viajantes, davam o ultimo realce a este paraíso terrestre.

Todo enlevado na sua amavel companheira, Hanz mal reparava nas bellezas, que o cercavam.

A donzella caminhava a seu lado, com passo tímido, os olhos baixos, e sem proferir uma palavra. A rosada côr de suas faces, tão frescas e mimosas, fazia mais alva a alvura do seu colo. Os seus longos cabellos, caindo-lhe soltos sobre os hombros, pareciam augmentar as graças de seu corpo gentil.

As avesinhas, como se o reconhecessem por soberana, vinham saudal-a na passagem, voando e cantando em torno d'ella, poisando-lhe no seio, e acariciando-a com o bico.

Hanz, attonito e pasmado de tudo o que via, seguia silencioso a sua amavel companheira. Mil perguntas, que desejava fazer; mil phrases d'amor, que o coração engendrava, tudo vinha morrer nos seus labios, que não se atreviam a quebrar a solemnidade do silencio no meio de tão magestoso quadro.

Finalmente avista-se o palacio. Nenhum monarcha tinha por certo uma residencia mais esplendida e soberba. Cercavam-na por todos os lados extensos bosques e jardins, ornados de fontes, lagos, e cascatas. E como a noite já tinha desdobrado seu negro manto, de todas as janellas do palacio saía o brilhante clarão das luzes, que lhe illuminavam as salas.

Assim que chegaram diante do vestibulo do palacio, abriram-se as portas de par em par, e duas alas de criados, ricamente vestidos, appareceram logo com tochas na mão, para receber os recém-chegados. Um dos famulos, chegando-se ao pé de Hanz, lançou-lhe aos hombros um manto magnifico, todo bordado de ouro.

Sempre ao lado da gentil donzella, Hanz subiu as escadas, cada vez mais assombrado, e entrou em um vasto salão, sumptuosamente guarnecido, onde achou numerosa e brilhante sociedade de cavalheiros e damas. Os vasos de ouro e prata e outras preciosas alfaias, que avultavam por toda a sala; os custosos vesturios e joias com que as damas se ornavam; os aromas que se exhalavam das grandes jarras de flores; e emfim as luzes de tantos lustres e candelabros, augmentando com os seus resplendores a riqueza e as graças ao que já de si era rico e bello, deviam produzir no animo de joven irlandez uma impressão de pismo e assombro, muito maior do que as que até ali experimentara. Porém não succedeu assim. Hanz estremeceu apenas entrou na sala; sentiu correr-lhe por todo o corpo um calafrio, e arripiarem-se-lhe os cabellos. O mancebo teve medo pela primeira vez na sua vida. Julgou-se victima de algum terrivel encantamento.

— Deus vos guarde! exclamou Hanz, dirigindo-se para a illustre assemblea, crendo que se fosse obra de encantos, todos aquelles vultos se desvaneceriam como fumo ao pronunciar o nome sagrado de Deus.

— Guarde-vos Deus tambem, responderam-lhe com affabilidade.

Não havia pois de que duvidar. Hanz não estava sonhando, nem era victima de illusões e bruxarias. Tudo o que tinha diante de si era pura realidade. A sua amante era uma princeza, e elle o mais feliz dos mortaes.

Logo depois da sua chegada serviu-se uma esplendida ceia. A riqueza das baixellas, que eram de ouro e prata, de exquisito feito, e de primorosos labores; e a profusão e delicadeza das eguarias, fizeram corar o joven irlandez, que se envergo-

nhava da frugalidade e pobreza da mesa de seu pae, que até ali elle reputava o homem mais poderoso da terra, e com mais luxo servido.

Esta idéa pesou-lhe por alguns momentos sobre o espirito, humilhando-o, e fazendo-o suppor indigno de aspirar á mão de uma tão illustre e rica princeza. Lançando, porém, os olhos em torno da mesa, e vendo que a virgem dos seus pensamentos excedia a todas as mais damas em graça e belleza, como a lua excede as estrellas em brilho e formosura, o amor proprio do coração fez emmudecer o orgulho do espirito.

Sentado ao lado da sua amante, Hanz parecia chegado ao cumulo dos seus votos. Julgue-se pois qual seria o seu prazer e ventura, quando, quasi no fim do banquete, ouviu da rosada bocca da sua bella a certeza de que era amado.

Entretanto a noite já ia adiantada, e forçoso era separarem-se. O mancebo despediu-se com visivel commoção; mas a donzella para attenuar o que havia de cruel n'esta separação, acompanhou até á porta o seu amante, e convidou-o a voltar no dia seguinte. Hanz assim lh'o prometeu, e ao dirigir-lhe o seu ultimo adeus com a maior expressão de ternura, pediu-lhe um beijo em prova do seu mutuo amor. Escusou-se a donzella, declarando que não podia conceder de modo algum semelhante favor.

— Mal sabe o que é que me pede, lhe disse ella. Por mais simples, que lhe pareça este favor, acredite que nos perderia, se eu lh'o concedesse. Nem agora acertaria com o caminho para regressar a casa de seu pae; nem poderia tornar aqui.

— E para que heide eu querer tornar aqui, respondeu o mancebo abrasado em fogo, depois de me recusar tão cruelmente um favor, que chama simples, mas que eu aprecio mais que a vida? Em nome do ceo, continuou com voz mais doce, dê-me esse beijo, que lhe peço do intimo do coração. Um beijo não roubará o perfume d'esses labios de coral, nem a belleza d'essas faces mimosas.

— Ah! exclamou a donzella, annuindo aos rogos do seu amante, oxalá não tivera de arrepende-se da sua pertinacia, como eu me arrependerei da minha fraqueza! Agora, o que lhe recomendo, e peço encarecidamente, é que parta sem mais demora, e que não olhe para traz, nem uma só vez. Tome bem sentido no que lhe digo. Se fizer o contrario, ai de si, perderá a vida sem recurso.

Hanz apertou contra o coração a sua extremosa amante, deu-lhe outro beijo, enfiou-lhe um anel n'um dos dedos, e partiu.

Estava a noite fria e chuvosa. Hanz, apenas saiu do palacio, sentiu correr-lhe por todo o corpo um frio glacial. Era tão grande a escuridão, que só podia ver a custo o lugar que pisava. Receiando então perder-se n'aquelle labyrintho de bosques, e encontrar a morte em algum precipicio, resolveu, sem mais meditar, voltar ao palacio a pedir aos criados uma lanterna.

Caso extraordinario se lhe apresentou então á vista. Aquelle palacio ainda ha pouco tão magnifico e resplandecente, tinha mudado completamente de aspecto!

O joven irlandez não podia acreditar no que via. Em vez de um edificio soberbo, tinha diante de si miseraveis pardieiros.

Mas qual seria o seu horror e asco, quando ao entrar na sala, onde tinha passado uma noite tão deliciosa, viu as paredes, em que brilhava o ouro, cobertas inteiramente de lama! D'onde pendiam sedas em graciosos apanhados, caíam longas téas de aranha cobertas de pó. Em vez das preciosas alcatifas, que vestiam o pavimento, estava a terra nua e humida, cheia de poças d'agua suja, de immundos cacos, e de palha putrida. Algumas cadeiras toscas e quebradas, e uma velha mesa, occupavam o lugar em que anteriormente avultavam elegantes e sumptuosos moveis. Os candelabros, e serpentinas, em que resplandeciam milhares de luzes, tinham-se tornado em denegridas candêas, onde ardiam negras torcidas alimentadas por um azeite ascoroso. O tecto, a que se suspendiam tantos lustres de crystal, não era agora mais que um pobre telheiro, arrombado e esburacado em muitos pontos, dando livre entrada á chuva. Um cheiro fetido e nauseabundo substituiu os aromas delica-

dos, que poucos momentos antes recendiam por toda a sala.

Finalmente, de tão grandiosa funeção não restava mais do que varios pedaços de comida espalhados pelo chão. E de tão luzida companhia apenas aqui se via uma mulher, coberta de farrapos, que, tendo as costas voltadas para a porta, mettia alguns cavacos na fôrnalha, e accendia o lume.

O pobre Hanz achava-se aterrado e cheio de confusão; porém ainda lhe estava reservada uma decepção mais cruel, uma dôr d'alma mais viva. A mulher, ouvindo passos atraz de si, ergueu-se, voltou a cabeça, e ao encarar com o mancebo deu um grito horrivel. Esta mulher, assim coberta de andrajos, era uma velha de tez pardacenta, feições disformes, e olhar sinistro. E tão horrenda creatura era a mysteriosa donzella, que fizera enlunhacear d'amor o joven irlandez!

Hanz reconheceu-a pelo anel, que ainda lhe viu no dedo; por essa prenda fatal, que alguns minutos antes elle havia dado como penhor da sua fé e do seu amor áquella, que lhe captivara a alma e o coração!

Desolado e fora de si, ferido mortalmente no mais intimo do peito, e surdo aos gritos e imprecações da bruxa, o desgraçado Hanz arremeçou-se pela porta de tão nojento alvergue, e partiu como uma frecha impellido com força do arco.

O sentimento de horror, que se apossara de toda a sua alma, augmentando o vigor dos seus membros, fazia com que caminhasse com uma rapidez incrível.

Ao atravessar a floresta, no meio do profundo silencio, que reinava em torno d'elle, pareceu-lhe ouvir suspiros e lastimosos gemidos. Mas não parou, nem procurou indagar a causa d'estes tristes sons. Occupado sempre com a mesma idéa, levado do mesmo sentimento, seus pés mal tocavam no chão, e a terra mal sentia o peso do seu corpo. O infeliz moço não corria, voava.

N'este estado de agitação, e extenuado de fadiga, chegou emfim ao sitio, onde se tinha banhado na manhã antecedente.

Ainda era noite; mas a lua, saindo do seio das nuvens, veio projectar seus brandos resplendores sobre as aguas do rio. Hanz aproximou-se então da margem, e mirou-se na cristalina corrente. O triste, que pensava, talvez, achar ali refrigerio para a sua dôr, e esquecimento para a sua vergonha, viu no espelho das aguas que trazia ainda nos hombros o manto, que lhe haviam lançado no palacio encantado. Mas esse manto, que se lhe affigurara tão precioso, não era mais do que um amontoado de remendos esfarrapados de todo o genero!

Desesperado com semelhante vista, arrojou para longe de si esses hediondos e nojentos andrajos, e em seguida arremeçou-se ao rio. Ai do misero! as ondas fugitivas separaram-se para o servir, e uniram-se logo para lhe dar sepultura!

Verificou-se a prophacia da bruxa. Hanz não voltou a casa de seu pae, porque uma subita morte colheu o desditoso mancebo no rio das *Aguas Negras*.

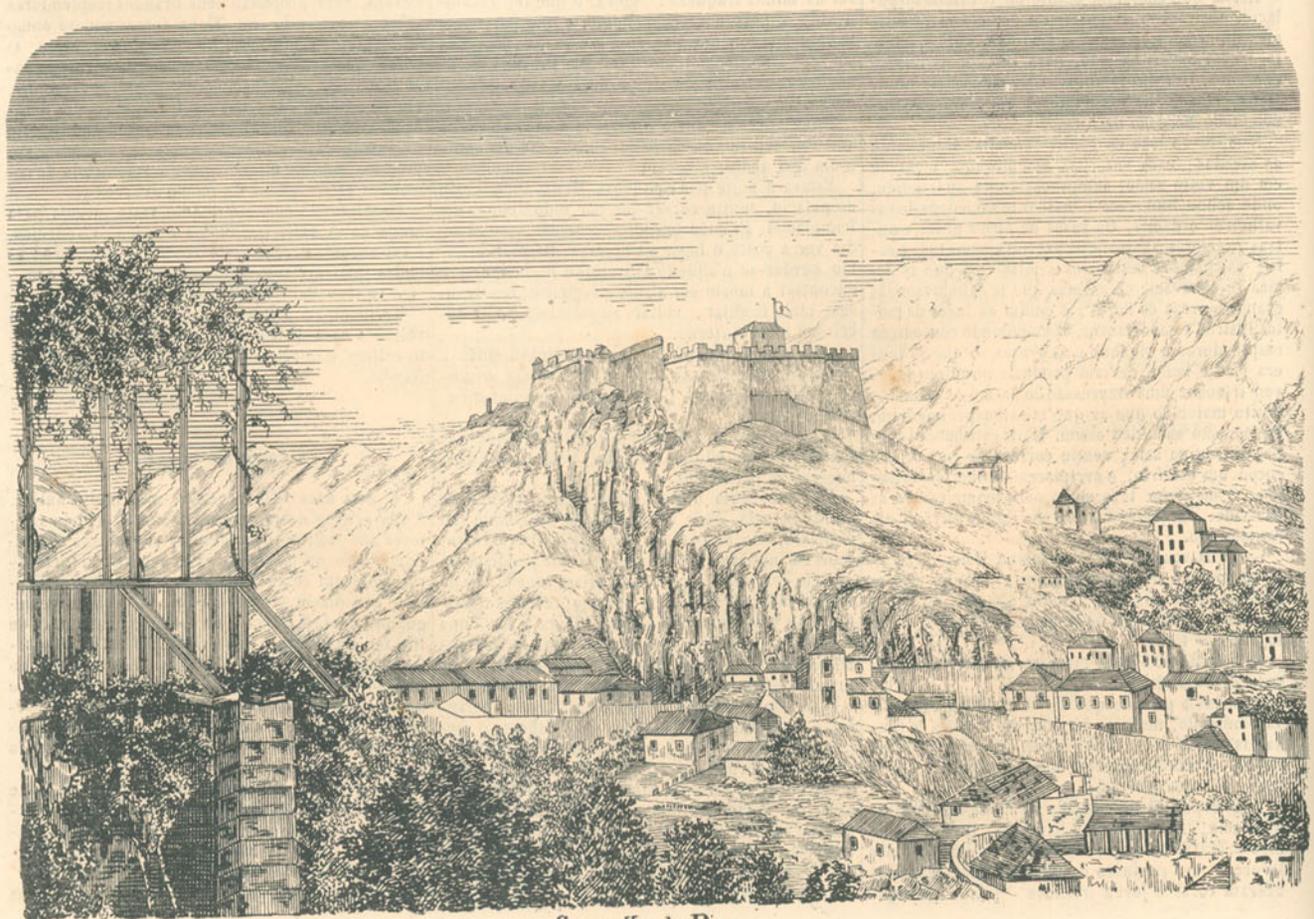
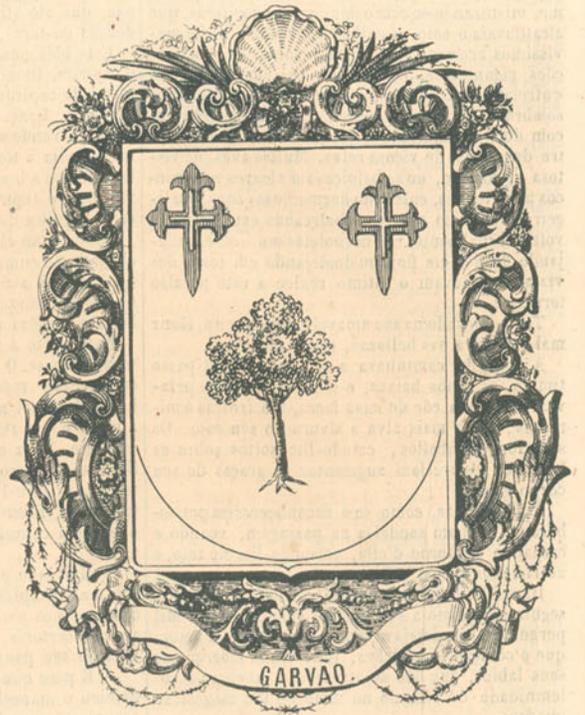
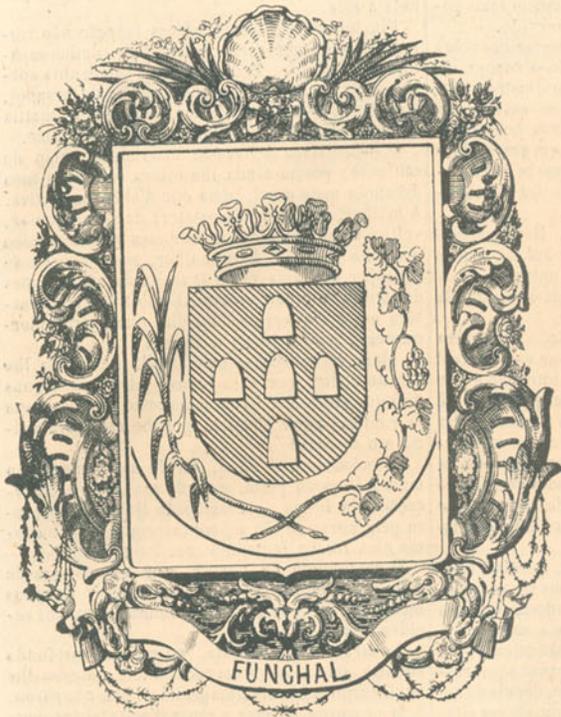
I. DE VILHENA BARBOSA.

A villa de Garvão.

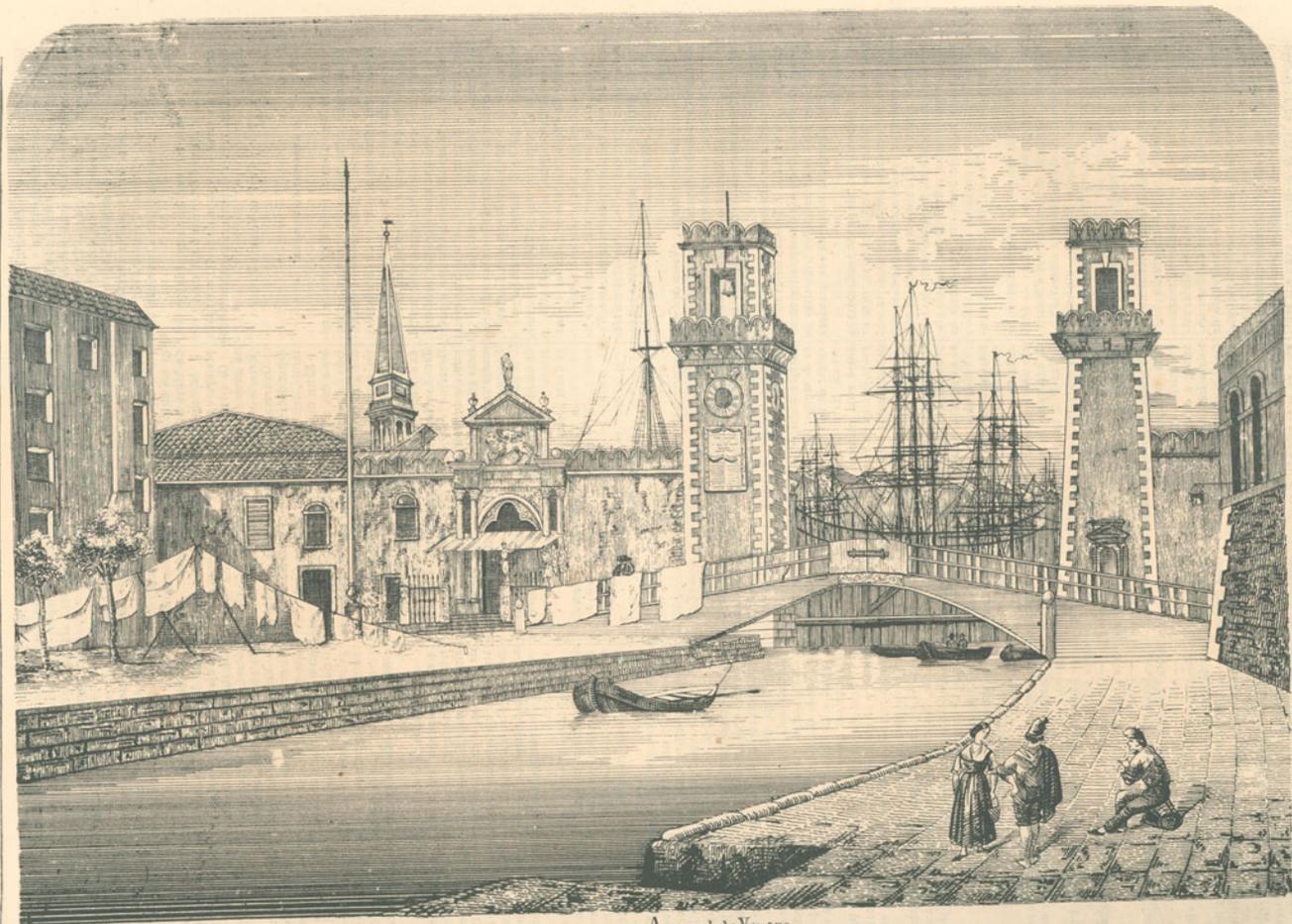
E' esta uma villa pequena, mas muito antiga. A sua origem é duvidosa, attribuindo-a alguns autores aos moiros, e outros aos cavalleiros de Santiago, logo no principio da monarchia. Os primeiros adduzem como argumento o seu nome de *Garvão*, que dizem ser de procedencia arabica. Os segundos fundam a sua opinião na circumstancia de lhe ter sido dado o seu primeiro foral de villa pelo mestre de Santiago, D. Paio Peres Corrêa, no meiado do seculo XIII. E' porém indubitavel, que na infancia da monarchia já era povoação importante, pois gosava da prerogativa de enviar procuradores ás côrtes, os quaes tinham assento no banco decimo quarto.

El-rei D. Manuel reformou-lhe o foral em 10 de Julho de 1512, dando-lhe novos e maiores privilegios, talvez por se achar decadente. Out'ora contou muitos mais moradores do que os que ao presente têm, que não chegam a novecentos.

Está situada na provincia do Alemtejo, a duas



Castello do Pico.



Arsenal de Veneza.

leguas para oeste da villa de Ourique, e junto á estrada real, que communica com o Algarve.

Tem uma só parochia, intitulada de Nossa Senhora da Assumpção. Os seus principaes edificios e estabelecimentos reduzem-se á casa de misericórdia, hospital, casa da camara, e ermidas do Espirito Santo, de S. Pedro, e de S. Sebastião.

O termo é muito fértil; produz abundancia de cereaes, legumes, e fructas; e cria-se n'elle muito gado, especialmente suino, bem como varias especies de caça.

A 10 de Maio tem uma feira annual de tres dias.

O brasão d'armas d'esta villa é um escudo com uma arvore verde em campo de prata, e na parte superior duas cruces de purpura da ordem de Santiago.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O Arsenal de Veneza.

Quando Veneza era a rainha do Adriatico, reinava tambem como soberana dos mares desde o ponto em que o Atlantico e o Mediterraneo confundem as suas aguas até ao estreito dos Dardanelos.

As armadas venezianas, tendo conquistado a Grecia, e as ilhas de Chypre e de Candia, impunham a lei do vencedor ás poderosas esquadras do sultão, e humilhavam todas as mais potencias maritimas. Nenhuma nação christã ousava affrontar o poder dos turcos, sem primeiro requestar as boas graças de Veneza, e conseguir o seu auxilio.

Se o crescente musulmano não vinha então açoiatar as costas da Italia, da França e da Hespanha, é porque o leão de S. Marcos lhe embargava o passo. E se a Europa queria os perfumes do Oriente, as especiarias da India, as perolas de Ceylão, as alcatifas da Persia, havia de ir buscá-las a Veneza, o grande emporio dos productos da Asia.

Orgulhosa do seu poderio, e da formosura e riqueza dos seus templos e palacios de marmore, Veneza mirava-se vaidosa nas limpidas aguas dos seus canaes, crendo ter bem segura na frente a sua coroa de rainha, e bem firme nas mãos o sceptro dos mares.

Discorreram porém os tempos; Vasco da Gama dobrou o Cabo da Boa Esperança; aportou a Calcut e Mombaça, e no regresso a Portugal entregou ao seu rei, D. Manuel o Afortunado, os primeiros tributos dos reis da Asia, e as chaves do commercio do Oriente.

Lisboa passou a ser o mercado exclusivo das ricas produções da India. E Veneza, ferida na sua principal industria, despojada d'esse privilegio commercial, que fazia todas as nações tributarias do seu pavilhão, começou a decair da sua grandeza e esplendor.

Nos fins do seculo passado já não assoberbava os mares com o poder das suas esquadras, nem os seus exercitos causavam sombra ás potencias suas rivaes, nem movia invejas aos vizinhos com as suas immensas riquezas. Mas ainda era respeitada pelo vigor da sua organização, pelo patriotismo dos seus filhos, e pelo proprio reflexo da sua passada gloria, quando Napoleão Bonaparte, que entrara na Italia empunhando o pendão da liberdade, acabou com a republica de Veneza, que tantos seculos contava de existencia.

De senhora feita escrava, passou do dominio de uns para o de outros até que o tratado de 1815 a sujeitou ao governo dos imperadores d'Austria.

E ha pouco a rainha do Adriatico achava-se bloqueada por uma esquadra franceza; e o seu famoso arsenal, d'onde outr'ora saíam arrogantes as formidaveis esquadras dos *Contarinis* e dos *Morsinis*, serviu então de refugio á pequena esquadra da Austria!

Esse arsenal, onde trabalhavam diariamente, nos bons tempos de Veneza, muitos mil operarios; onde estavam reunidos todos os elementos de uma marinha respeitavel, estaleiros magnificos, docas vastissimas, officinas grandiosas, uma cordoaria immensa, armazens sem numero, e um deposito de armas para setenta mil homens, tudo isto está quasi deserto e vazio!

Tudo n'este grande estabelecimento é monumental e colossal. A porta é um verdadeiro arco de triumpho. O velho leão de S. Marcos, que n'ella avul-

ta com soberbo aspecto; as oito estatuas gigantes de marmore branco, que a precedem; os leões de granito, trophéos da guerra do Peloponoso, que parecem querer defender a entrada; são recordações de um passado glorioso.

A entrada das docas erguem-se duas altas e elegantes torres avermelhadas, não como postos de guerra, pois que a defesa do arsenal e da cidade confiava-a a republica á intelligencia dos seus almirantes, ao valor dos seus marinheiros, e á força das suas esquadras; mas como duas sentinellas de honra do poder maritimo de Veneza.

As docas podem conter numerosas armadas, promptas para dar á vela ao primeiro aceno.

Os estaleiros são tantos, que se podem construir ao mesmo tempo muitas embarcações de todos os portes e dimensões.

Os armazens e officinas, além da sua excessiva capacidade, são sumptuosos; e a cordoaria, finalmente, tem novecentos pés de comprimento.

Entre os extensos salões d'este arsenal é celebre o das armas e museu. Este, apesar de despojado de muitas preciosidades, que teem sido levadas para Vienna d'Austria, ainda conserva objectos de antiguidade de muito apreço, e padrões de muita gloria. Faz parte dos primeiros um capacete de Attila, e uma chapa de cobre, que servia de defender a cabeça do cavallo d'este conquistador. Avultam entre os segundos uma armadura de Henrique IV de França, dada de presente por este principe á republica em reconhecimento de um valioso auxilio, que lhe prestara; e as bandeiras tomadas aos turcos na memoravel batalha naval de Lepanto.

A poderosa republica de Veneza acabou, deixando uma brilhante historia da sua existencia. O seu arsenal e ainda em nossos dias o eloquente epilogo d'essa historia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Van-Dick.

Continuação.

II

Van-Dick rompeu pela multidão, e embrenhou-se nos jardins do palacio. Arcava-lhe o peito como se tivesse acabado de lutar. As lagrimas, escorregando-lhe pelas faces, caíam-lhe como perolas sobre o velludo negro do carpete. Ardia-lhe a frente. Arrojou o chapeo, e atirou comsigo para um banco de musgo. Amava a condessa: não com o amor vulgar do homem; mas com a profunda paixão do artista. Havia dois annos que a amava assim. Tinha-a visto correr e voltejar, como a borboleta, pelos jardins de *Tursi*. E já na creança elle julgara adivinhar o que seria a mulher!

A mulher, desinvolvendo-se, deixava muito áquem a criação da exaltada imaginação do artista; e chegou a esse ponto de belleza, quasi sempre fatal, que, abafando toda a graça do espirito, só dá lugar á vaidade no meio da adoração geral.

Van-Dick já não a via nos jardins do palacio Doria, como outr'ora nos de *Tursi*, correndo risonha entre flores, sentando-se á borda dos lagos, ou recostando-se pensativa á sombra dos limoeiros; mas não menos formosa lhe apparecera ella, como alvo da admiração de todos, na egreja de *San-Lorenzo*.

Van-Dick nunca teve que offerecer a essas familias opulentas: nem palacios de marmore, nem galões armados; nenhum thesouro, excepto o do seu talento, que pouco seria para alcançar tanto! Occultou sempre em si aquella paixão, aquella segredo, que, não obstante o sello fatal com que tinha procurado fechal-o, vinha agora, á face da multidão, traduzir-se-lhe em prantos! Apenas o conde Pallavicini, seu amigo, sabia d'aquelle insensato amor; e o conde teria de boa vontade dado ao artista a fortuna que possuira, se o seu bello palacio de marmore vermelho lh'a não tivesse dissipado nos mosaicos preciosos, e nos quadros a oleo que lhe cobriam as faces das galerias.

O ruidar do festejo distrahiria por momentos Van-Dick; mas a solidão dos jardins Doria chamava-o de novo á meditação e ao soffrimento, e elle

supportava n'aquelle instante todo o peso da sua louca paixão. Alongava pelo mar a vista, e mais o entristecia ainda esse espectaculo monotonos das ondas contra as ondas, que nunca nos consola, e sempre augmenta a saudade! Depois, aos ultimos raios do sol, olhava para a cidade assentada sobre a tepida verdura das montanhas, soltando pela voz dos seus sonoros sinos um cantico d'alegria; e essa risonha expressão de Genova mais triste lhe tornava o espirito! Fechou os olhos e recostou a cabeça. Com o dia foi expirando o ruido; com as brisas da noite chegaram-lhe os debeis ultimos sons dos canticos da procissão; melodia que, tendo atravessado o jardim, vinha, purificada pelo espaço, expirar-lhe tão docemente no ouvido entre o perfume das flores, como uma palavra italiana saida dos labios da adoravel condessa de Brignole!

Van-Dick levantou-se rapidamente; lançou mão da espada, pendurada no ramo d'um aloe, atravessou quasi correndo o jardim, qual sombra que fugisse ligeira, e entrou como louco na galeria do palacio, onde tinha deixado o conde Pallavicini. A galeria estava deserta. Van-Dick nem se dignou olhar para os primorosos *frescos* nacionaes de Perino di Vaga, ou para as estatuas de Philippe Carlona; seguiu, sobre um caminho de flores, o rasto da procissão.

As confrarias já haviam entrado na cathedral; e o cortejo nupcial no palacio do conde. A multidão dispersara-se: alguns grupos se entretinham ainda na praça d'*Annunciada* ácerca da formosura da condessa, e da felicidade do conde. Van-Dick atravessou a praça com rapidez, precipitou-se tremendo na *Strada Balbi*, e deteve-se de repente, como se o ar lhe faltasse, ao ver perto o palacio Durazzo, todo illuminado, cheio de mulheres, de flores, e de musica!

O baile tinha começado: o delirio da dança agitava os convidados no centro d'aquelle montanha de marmore toda recortada, e enfeitada de flores, e de luzes cujos reflexos subiam aos entablamentos pelas polidas columnas de marmore vermelho azul e branco.

Van-Dick encostou-se á parede do palacio Serra, e ahí ficou aniquilado em presença d'aquelle brilhante espectaculo, soffrendo a profunda dor do artista, que nenhuma palavra, em qualquer das linguas conhecidas, teria força bastante para exprimir: a dor cruelmente inventada pela natureza para castigar os espiritos superiores, tão loucamente invejados pela turba estúpida que não sofre, dos sublimes dons que receberam!

Distinguindo o conde Pallavicini, que descia a escada principal entre quatro pagens com archotes, Van-Dick saiu do sonho a que se entregara, e correu a dar-lhe o braço, desviando-se com elle para uma rua lateral.

— Falha-me d'aquella mulher! Viste-la? Perguntou o artista, com aciedade; e em quanto esperava a resposta, os olhos ficaram-lhe como suspensos dos labios do amigo.

— Não ha ainda um quarto de hora que dancei com ella. Respondeu friamente o conde Pallavicini.

— Oh! dá-me pois a tua mão... quero beijal-a, porque tocou a mão d'ella!...

— Enlouqueceste?

— Desespéro!

— O tempo hade curar-te.

— Nunca.

— Veremos. A mim, curou-me! E eu tinha perdido muito mais do que uma mulher! perdi dois palacios...

— Eu dera toda essa bella *Strada Balbi* por um beijo seu!

— Quem sabe!? Se a *Strada Balbi* fosse tua, de certo havias de pensar melhor!

— Daria a minha vida!

— Seria mais razoavel; mas que queres fazer agora? Ella está casada.

— Affirmo-te que ainda não!

— Ah! entendo! Estão dando dez horas nas torres de *San-Carlo*: á meia noite...

— A' meia noite... Repetiu Van-Dick com desespero. Maldito seja aquelle estúpido! Viste-lo? que fazia?

— Fazia o seu papel de marido. Seguia com a vista a mulher em todas as quadrilhas: parecia devorá-la com os olhos! Consultava o relógio de

quarto em quarto de hora... mandou adiantar a pendula do palacio. Julga-se feliz....

— E ella ?...

— Ella dança : morre por dançar ! Caindo do convento no meio do baile, por sua vontade dançaria toda a noite ; dançaria até se fartar.

— E parece amar o... ?

— Parece que morre por dançar, já te disse ! Quando uma mulher d'aquella idade está a dançar, não peasa senão em si, no seu vestuario e no seu par.

— E é por semelhantes creaturas que nós consumimos o espirito ; quebramos as forças ; incendiamos o peito ; alteramos a imaginação... e nos perdemos, quantas vezes, para sempre ! E depois lá veem ellas dizer-nos que sabem amar melhor do que nós ! Atroz irrisão ! O seu amor de amante não é mais do que amor proprio ; o amor de esposa, uma conspiração de toucador ; o amor materno, um instinto natural !... Oh ! meu Deus, estarei louco ? arde-me a cabeça ! Sustém-me, conde, que me foga a luz... eu caio !...

— Tem paciencia, meu pobre amigo !...

— Pregou-se-me na cabeça uma idéa terrivel, que parece um carvão em brasa !... intoleravel... e que não posso extinguir ! D'aqui a duas horas... Oh ! não ! não ! nunca !...

— Pois sim. Fallemos agora de outras coisas. Dize-me cá, viste o quadro maritimo de *Arazzi* que foi para o museu de *Scaglietto* ?

— Não... *Arazzi* faz vistas de mar ? D'aqui a duas horas !...

— Não é forte n'esse genero... .

— Não é forte em nenhum !

— O teu maior inimigo é o official do teu officio ! Pois não... e aquella rica Batalha do palacio *Doria* ? Tens que lhe dizer ?

— Um colorido falso ! Tu não entendes nada... Oh !... mas escuta, escuta agora... ouves ainda a musica ?

— Não.

— Eu tambem não a ouço já ! Extinguem-se as luzes... saem os convidados !... O baile acaba... Oh ! vem... voltemos à *Strada Balbi*...

— E' um intervallo. Dançar tambem cansa. Verás que logo tornam a começar. Hão-de dançar até de manhã.

— Não duvido ; porém ella...

— E' provavel que tambem. Vamos : e como achas os frescos do nosso *Perino di Vaga* ?

— Vulgares ! pessimos ! trabalho grosseiro... execução destituida de gosto. Ah ! mas a musica não torna a principiar ! Parece-me que está dando meia noite ! não ouves ?

— Não ; é engano teu. Vem comigo : quero dar-te um presente. O ultimo quadro que me ficou... E uma virgem de *Giordano*.

— Vamos primeiro ao palacio *Durazzo*.

— Que pensas tu de *Giordano* ?

— E um garatujador ! um pintor de galeras. Podes guardar o teu quadro... Oh ! *Jesus ! Jesus !* que dia terrivel ! A igreja, o incenso, a *Ave maria stella*, que ainda tenho nos ouvidos, as rezas, o baile, as flores, o amor... o amor inexoravel !... Foi-me um dia acceso pelas chammas do inferno ! e para os outros, adoçado e embalsamado pelas rosas do paraizo !... Vamos... vamos ao palacio *Durazzo*, senão morro, abafado, arreberto !

E *Van-Dick* deitou a correr.

Abandonal-o n'aquelle momento era indigno do nobre caracter do conde *Pallavicini*. E este seguiu-o em silencio até esse fatal palacio, onde em breve havia de acabar a melhor de todas as suas esperanças !

Continua.

Noticias biographicas dos personagens da actual guerra d'Italia.

O marechal *Randon*, actual ministro da guerra em França, nasceu em *Grenoble*, no anno de 1794. Tem portanto sessenta e cinco annos. Entrou para o exercito muito moço, e em 1813 era já capitão. Tomou activa parte na batalha de *Moscow*, e foi ferido duas vezes em *Lutzen*. Foi nomeado subsequentemente chefe de esquadrao, e coronel de caçadores. N'este posto partiu para a *Algeria*,

onde o seu nome figurou honrosamente em todos os recontros com os arabes, a ponto de pela sua tactica e bravura merecer os elogios do governo de *Luiz Philippe*. No tempo da republica dirigiu habilmente os negocios da *Algeria*, e foi por esse tempo chamado a commandar em França a terceira divisao militar, que tinha então seu quartel general em *Metz*. Em 1857 foi por algum tempo ministro da guerra, e depois do golpe de estado voltou a governador geral da *Algeria*, cargo que desempenhou até á recente reorganisação da dita colonia. Foi creado marechal de França em 1856, e é senador, e grã-official da Legião de Honra.

O duque de *Malakoff*. O marechal *Pelissier*, duque de *Malakoff*, nasceu em *Maromme* (*Sena inferior*) a 6 de Novembro de 1795. Educado no *Prytanéo* da *Fleche*, e em *S. Cyro*, saiu d'esta escola com o posto de segundo-tenente de artilharia da guarda real, em 1815. Os documentos de serviço do marechal mostram as campanhas, e as promoções seguintes : — 1820, tenente do 35 de linha ; 1823, campanha de *Hespanha* ; 1828, capitão, campanha da *Moréa* ; 1830, chefe de esquadrao, campanha d'*Africa* ; em 1832, empregado no deposito da guerra ; e de 1834 a 1837 na praça de *Paris* ; em 1839 passou de novo á *Algeria*, e assistiu á batalha de *Isly*. General de brigada em 1846 ; general de divisao em 1851, foi encarregado interinamente do governo da *Algeria*, e pela sua attitude firme, e medidas vigorosas, fez acceitar a situação creada em 2 de Dezembro n'aquella colonia d'*Africa*. Designado em 1855 para tomar o commando do exercito do Oriente, teve a honra de terminar felizmente a campanha da *Crimea*.

O marechal *Canrobert* nasceu na *Bretanha*. Foi admittido á escola de *S. Cyro* em 1823 ; e desde que saiu d'essa escola serviu constantemente na *Algeria*, onde correu todos os postos até o de coronel. Em 1849, a tomada do *Zaatcha*, que foi um feito d'armas glorioso, atrahiu a attenção sobre o moço coronel. Napoleão, presidente então da republica, distinguio este excellent official, e ligou-o á sua fortuna. Em 1850 nomeou-o general de brigada, e general de divisao. Por occasião da guerra do Oriente, o general foi encarregado do commando de um corpo de exercito, e na morte do marechal *Saint-Arnaud*, tomou o commando em chefe do exercito. Sabe-se que as difficuldades que encontrou no exercicio d'este commando o obrigaram a demittir-se das suas funcões. Em 1856 foi nomeado marechal de França.

O general *Riboti*, agora de nomeada na *Italia*, é muito conhecido em *Portugal* e *Hespanha*.

Emigrou em 1834 do *Piemonte* com os generaes *Durando*, *Fanti*, e *Cialdini*. Por este tempo principiou a nossa guerra civil, e elle serviu de capitão no batalhão de caçadores n.º 5, commandado pelo immortal duque de *Bragança*, de quem mereceu por vezes elogios. Depois foi a *Hespanha*, e ahí fez a campanha dos sete annos, debaixo das ordens de *Borsha* di *Carminati*, chegando ao posto de coronel quando ella terminou.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA II.

OS MESMOS, D. GIRAL meditabundo e abatido.

D. BRITALDO (a D. Giral) — Salvê, D. Giral.
D. GIRAL (tristemente) — Senhor, salvê.
D. BRITALDO (a D. Mauricio) — Mal ousa erguer os olhos !
D. MAURICIO — Alguma nova desgraça nos traz !

D. BRITALDO — Se é... sabemos como a hemos de receber... estamos já costumados... Fallae, D. Giral, que todos vos escutam.

D. GIRAL — Perdoae-me, D. Britaldo, se assim vacillo... mas a nova que vos traço é tal... Venho do campo, e atravessae a cidade.

D. BRITALDO — E que dizem ?

D. GIRAL — No campo são tudo feros e soberbas. Na cidade tudo pesadume e tristeza !

D. BRITALDO — E que fazem ?

D. GIRAL — O de *Riba-Dão* entrou já a torre da portagem.

D. BRITALDO — E ha quem desfalleça em *Coimbra* ?

D. GIRAL — Ha quem faça mais... Ouvide... A gente da cidade começa a afrouxar ante esta lucta impossivel... Sisanando rejeitou quantas propostas lhe levei... e em lugar d'ellas impõe uma só condição... Souberam-na em *Coimbra*, e á minha volta, quantos vassallos, e burgozes, e até cavalleiros, encontrei, todos se me atravessaram no caminho para mo dizer : «prestes cumpri vosso encargo, que é o nosso unico remedio.» E pedem-no, e querem-no assim !

D. BRITALDO — Sisanando pediu a minha cabeça sem combate ?

D. GIRAL — Sisanando não quer attentar contra a vossa vida.

D. BRITALDO — Bem infame é então o que vindes annunciar-me, pois que tanto hesitaeis em dizel-o...

D. GIRAL — Sisanando, por preço do resgate de *Coimbra*, manda que hoje mesmo lhe sejam entregues... vós e vossos filhos.

D. BRITALDO (com tranquillidade dignidade) — Como prisioneiros ?

D. GIRAL (a custo) — Como escravos !

D. BRITALDO (com incredula surpresa) — Escravo !... Eu ?

CASTINALDO (idem) — Nós !

D. BRITALDO — Ouvi mal talvez... Pediu-nos para nos matar.

D. GIRAL (pensosamente) — Exigiu-vos para o servir.

D. BRITALDO — E houve em *Coimbra* um godo que applaudisse tamanha infamia !

CASTINALDO — E houve um homem do nosso nome que pudesse consentir em vir dizel-o ?

D. GIRAL — Querias antes que Sisanando viesse aqui mesmo ordenal-o ? A cidade cansada de rixas e homisios clama que é justica... e exige e requer que se cumpra a condição... Quando a mim não espero vél-a.

D. BRITALDO — E onde estão os de *Bayão*, os de *S. Martinho*, os de *Amaia*... Que é feito dos valentes ricos-homens do *Mondego* ?

D. GIRAL — Perguntae a vosso filho. Estavamos todos á porta de *Almedina* e em frente de Sisanando.

D. BRITALDO — N'isto vieram a parar sessenta e cinco annos de combates, que me convidem a mim, D. Britaldo, conde e senhor, a ir por escravo aos pés do vencedor !... A isto se chegou em *Coimbra* que não ha por essas ribas do *Mondego* um só que se afoite a ver em frente o reprobato !

SCENA III.

OS MESMOS, D. MENDO entrando armado.

D. MENDO — Ha !
D. EGAS — O de *Faria* !
D. GIRAL — Mendo !
D. BRITALDO — Vós !
D. MENDO — Eu.
D. BRITALDO — Obrigado, D. Mendo... Já todos se tinham esquecido de ti... Eu não... Julgavate enterrado nas ruinas do teu solar.

D. MENDO — Fiquei de pé, no meio d'ellas, sobranceiro ás chammas nos meus corutos de granito, combatendo o infiel ao lado do incendio que estas mãos accenderam. Em quanto o ultimo canto de pedra não ficou raso com o chão, não deixei de golpear... queria morrer ali. — Pensei que podia ainda de outro modo servir a patria, e que o acabar para ali sem fazer mais era quasi covardia. Quando a torre d'*Aguiar* veiu a desabar nivelada com as searas da campina, saltei no meu murzel-

lo, e larguei por entre o moiro direito á curia de Toledo.

D. BRITALDO — Ah! D. Mendo, D. Mendo, que mal te conheciamos nós!

D. MENDO (*proseguindo*) — Vi lá o imperador, e deitei-me a seus pés, bradando: «D. Afonso, pela vossa fé envie soccorro a Coimbra!» Vi a infanta, e clamei-lhe prostrado: «D. Tareja, pelo vosso amor dae soccorro a Coimbra!» Vi o conde, e roguei-lhe de joelhos: «D. Henrique, pela vossa gloria levae soccorro a Coimbra!»

D. BRITALDO — E elles? e o conde?

D. MENDO — O conde não respondeu. Mandou cavalgar o seu alferes... ordenou que lhe apellidasssem os seus cavalleiros... e partiu direito aos plainos de Leão a encontrar o Almazor de Alem-mar, Ali-ben-Jussuf, cuja é a hoste que ali nos cerca.

D. BRITALDO — E tu, D. Mendo?

D. MENDO — Eu vim adiante, e os poucos que me restavam... Podia ser necessario morrer aqui... A minha presença alentou os mais esforçados e generosos, os que vos não querem ver escravos... Irems todos de novo á peleja... Vêdes? D'aquelle lado reuñem-se os vossos defensores, e todos os de vossa casa... engrossam a cada momento.

D. GIRAL — E d'aquelle juntam-se os da cidade armados e resolutos a pedir que se cumpra a condição para o resgate de Coimbra.

D. MENDO (*á direita*) — Eil-os... podeis contar-os!...

D. GIRAL (*á esquerda*) — Eil-os... podeis observar-os!...

D. BRITALDO (*desce. Vae á direita d'onde se eleva um murmuro, que socega de repente a um gesto seu. D'ali mesmo olha para a esquerda. Sobe depois de novo*) — Ouvi-me, senhores. Seria para isto que os remiu o imperador com a ajuda d'esta espada?... Seria para isto que lhes deu foral o conde?... Seria para isto que nos reunimos aqui, nós, homens bons de Coimbra?... Por meio vil se querem salvar... e por elle se hão de perder... Quando vier um novo assalto, que não tarda, erguer-se-ha a devastação por todos os lados d'esta regia cidade... Será facil então a obra da ruina... Que faremos nós?... Metade contra outra metade!... Um incendio no meio d'outro incendio!... a guerra no coração da guerra!... o assassinio no seio da matança... e Coimbra, vergando ao dobrado impulso de seus inimigos, e de seus filhos, desabarà para sempre na terra manchada de nossos crimes... Semeámos as rixas particulares; colhemos a guerra civil... Mal haja a mão que não sabe refrear os bandos cegos... (*pausa*) Ai! D. Mendo, D. Mendo... Não será porventura uma virtude a obediencia, quando é impossivel a defensão?...

D. MENDO (*enthusiasticamente*) — Quando a lucta é já impossivel, a verdadeira virtude é morrer.

D. BRITALDO — Dentro de algumas horas virá Sisnando assentar-se sobre as cinzas de Coimbra!

D. MENDO — Mas a nossa honra ficará em pé a seu lado!

D. BRITALDO (*desce. Vae outra vez á direita*) — Ali estão... Aquella turba impaciente parece ter ancia do combate... São almas e braços generosos!... Sois vós comigo, christãos e godos?

(*A multidão, fora*) — Todos!

D. BRITALDO — Quereis comigo acabar debaixo das ruinas d'esta cidade?

(*O mesmo*) — Todos!

D. BRITALDO — Obedecer-me-heis, vós, seja qual fór o sacrificio que vos ordenar?

(*O mesmo*) — Todos, todos, D. Britaldo!

D. BRITALDO — Esperae pois... Ouve-los, D. Giral?

D. GIRAL (*arrebataadamente*) — Posso levar portanto a tua resposta ao reprob... A guerra, não?

D. BRITALDO (*para D. Mendo*) — Quanto pode tardar o conde?

D. MENDO — Um dia.

D. BRITALDO — Que tempo resistirá a cidade?

D. GIRAL — Nem uma hora.

D. BRITALDO (*do seu logar*) — Bem vêdes, senhores: tenho nas minhas mãos a sorte de Coimbra... Quizeram a minha miseria, quizeram a minha infamia... Posso largamente pagar-lhes em moeda de sangue... Morrerei, mas posso já morrer vingado. (*longo silencio — ansiedade*) D. Giral, ide

dizer ao moiro que D. Britaldo e seus filhos irão apresentar-se-lhe amanhã ao romper d'alva!

CASTINALDO — Meu pae!

D. MENDO — Senhor!

D. BRITALDO — Silencio, filhos... Mando eu... (*ao conselho que murmura*) Mando eu, disse... Não serei senhor em minha casa?...

D. MENDO — E' a vossa firme resolução?

D. BRITALDO — Irrevogavel.

D. MENDO (*ajeolhando-lhe aos pés*) — Abençoa-me, senhor!

D. BRITALDO — Deus te abençoe, filho... e tu perdoa-me... (*baixo*) Eu tive a culpa de tudo...

Merecias Bertha, e neguei-t'a... Perdoas-me?

D. MENDO — Abençoa-me!

D. BRITALDO — Aonde vaes?

D. MENDO — A cumprir o meu dever, como vós cumpristes o vosso. (*sae*).

SCENA IV.

OS MESMOS, MENOS D. MENDO.

D. MAURICIO — E nós, D. Britaldo, vamos agradecer a Deus, que vos fez tão grande na adversidade, tão magnanimo e generoso para connosco... Vamos pedir-lhe gloria para vós, e perdão para essa gente cega, que assim vos sacrificou... (*estendendo a mão a Eusebio*) Entremos na sé, D. abbade. N'estes momentos solemnes não ha rivalidades que possam ficar n'alma.

EUSEBIO — Entremos, senhor bispo, e desculpa-me.

(*Os serviaes teem levado mesa e cadeiras. Vê-se a profundidade do templo. Entram. Na frente vão o bispo e o abbade. Seguem-se os conegos em duas alas, e atraz os consules e ricos-homens do Mondego, todos de cabeças baixas e conternados*).

Continua.

O judeu errante.

(LENDAS)

Imitação da lenda alemã de Schubart.

Continuação.

v

P'la justiça do Eterno fulminada,
Caiu Jerusalem;
E Roma, qual rainha desthronada.
Em pó caiu tambem!
Arrojei-me á voragem das ruinas,
Em chamas incendidas;
Voragem que do ancião e do innocente,
D'ambos, medonha, devorara as vidas!
E esperei; mas em vão!
Baldado foi o anheilo,
Que n'alma concebi;
Baldada foi a doce esp'rança minha,
Embalde tudo foi, que não morri!
Das ruinas no pélagio profundo,
Terribil uma voz bradou — *caminha!*
Baqueei aniquilado
Cósida a face ao chão,
E dos labios do anjo despenhado,
Á vontade do Ser Omnipotente,
A negra maldição
De caminhar p'lo mundo eternamente,
Implacavel outra vez ouvi tremendo
Em ira e raiva ardendo!

E seculos correram após seculos;
E durante o aliger discurso
D'esses se'culos, nações vi abaterem-se
Ante mim, elevarem-se, e esconderem-se
Para sempre no pó do esquecimento!

O brilho de mil c'róas offuscar-se,
Qual o sol no limite de seu curso,
Das paixões no oceano turbulento.
Vi sceptros mil quebrados,
E despotas dos thronos despenhados
Ao sopro da justiça Omnipotente,
Que tudo abrange e vê!
Morrer eu tudo vi, que tudo fina
N'este mundo, segundo a lei divina.
Só eu morrer não pude!... E' minha sina
Ficar sempre de pé!

Do pincaro alteroso

D'um rochedo, que as nuvens topa e fende,
Ao profundo do oceano tenebroso,
Que as raizes lhe guarda e lhe defende,
Me arrojé... em seu seio a morte esp'rando!
Medonho encapellado vagalhão
A mil outros, tremendos, sotoposto,
Mugindo, como em furias o leão,
Para mim cresce, os cumes alteando:
Firme o espero; de frente dou-lhe o rosto;
Mas a vaga, qual horrida montanha
Sacudida p'los influxos de um vulcão,
Treme... pára, e recua;

Das aguas no profundo a fronte banha,
Impeto cobra, e erguendo-se de novo,
Da do mar funda entranha
Na cuspide me arroja á praia nua!...

Á cratera do Etna a frente inclino.
Ha muito que as raizes da montanha
Convulsas estremecem;

E ha muito que um fogo purpurino,
Saijo da entranha

Do vulcão, d'ignea'cór o ceo desenha!
Atrevido, á garganta fumegante

Desci, que vão pavor me não entrava
Dentro d'alma, e uni aos do gigante

Meus mugidos, durante
O espaço de dez luas!

Mas ai! do seio das entranhas suas
D'involta com um mar de chamma e lava

O Etna me vomita!

Accordei sobre as cinzas assombrado;
Assombro que de perto a morte imita:

Ai de mim! esse allivio,
Que ha tanto pelo mundo busco, ousado,
— A morte, qu'as dôres d'alma acaba e finda,
E nos ceos uma vida nova cria —
Por Deus mais uma vez me foi negado,
Porque eu vivia ainda!

Um outro vasto mar d'intensas chammass
Abrasa o horizonte. Delirante
A elle corro e voo, estimulado
Da morte p'lo desejo palpitante,
Que no peito me implanta a ousadia.
Uma virgem floresta inteira ardia.
Espectaculo sublime e pavoroso!

Immovel contemplei-o
Largo tempo, e arrojé-me
Depois ao voraz seio

Do incendio, anhelante e pressuroso!
Candentes as resinas gottejaram
Sobre mim; minhas carnes consumidas

São quasi pelo fogo;
Meus ossos dessecados;

Transido pela dôr em altos brados
A morte imploro e rogo:

Ainda embalde! Deus não me escutou:
A chamma que a floresta devastou,
Em cinzas convertendo-a,
A mim... não me abrasou!

Continua.

H. VAN-DEITERS

A infinita diversidade de faculdades physicas,
e intellectuaes, torna os homens sociaveis, e mutuamente dependentes: d'ahi mesmo se deduz a
egualdade de direitos naturaes.

Toda a idade é propria para nos instruirmos;
devemos envergonhar-nos de ignorar, e nunca de
aprender.